



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Desejo e liberdade: conversa com Hegel

Por: Marlene Tozi Amâncio
toziamancio@hotmail.com

Resumo

O presente artigo investiga a função do *desejo* na constituição da subjetividade humana, a partir do pensamento de Hegel. Apresenta-se que o *desejo* pode se relacionar tanto com as *coisas* quanto com *outro desejo*. O *Eu* propriamente humano surge apenas quando o desejo de um *Eu* se defronta com o desejo de outro *Eu*. Hegel descreve este encontro como um confronto que acarretará uma luta de vida ou morte, mas que, num terceiro momento, deverá ser superado pelo *reconhecimento mútuo das consciências-de-si*. Tal *reconhecimento* deverá ser a condição para a construção de uma sociedade livre, em que as diferenças serão respeitadas e em que os homens possam assumir em suas mãos a construção do seu destino histórico.

Palavras-chaves: Eu; Reconhecimento; Dialética; Luta.

Resumo

Tiu artikolo enkedas la rolon de deziro en la konstitucio de homa subjektiveco, de la penso de Hegel. Prezentigas ke la deziro povas rilati ambaŭ aferoj kiel kun aliaj deziro. La Mi taŭge homa ekestas nur kiam la deziro por mi alfrontis kun la deziro de alia memo. Hegel priskribas tiun kunvenon kiel alfronto kiu rezultos en vivo kaj morta lukto, sed ke la trian fojon, estos venkita de la reciproka rekono de konscio-por-mem. Tia rekono devus esti la kondiĉo por la konstruo de libera socio, kie diferencoj estas respektataj kaj ke homoj povas preni en siajn manojn la konstruo de ilia historia destino.

Ŝlosilovortoj: Mi; Rekono; Dialektiko; Lukto.

Abstract

This article investigates the function of desire in the constitution of human subjectivity from Hegel's thought. It shows that the desire can relate as much with things as with other desire. The "I" essentially human desire appears only when an "I" confronts the desire of the other "I". Hegel describes this meeting as a confrontation that will result in a struggle of life and death, but that a third time, should be



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

overcome by the recognition of consciousness-of-yourself. Such recognition should be a condition for the building of a free society, where differences are respected and that people can take in their hands the construction its historical destiny.

Key Words: *Self; Recognition; Dialectic; Fight.*

Considerações iniciais

Desejo Antropogenético, Liberdade e Historicidade

Hegel explica que o homem é um ser racional, que tem consciência de seus próprios atos, que é um ser sensível, que percebe sua realidade e, por isso mesmo, difere do animal. A consciência de si é revelada pela fala no momento em que se pronuncia a palavra *eu*. O ser humano conhece os seus próprios desejos, seja ele um desejo carnal ou um desejo da consciência.⁶⁴ O pensamento racional do homem faz com que ele tenha um comportamento diferente do comportamento animal, pois o ser humano é capaz de ter o poder de decisão, ele é conhecedor de sua autoconsciência e de sua realidade, como diz Hegel ele é um *sujeito cognoscente*.

Toda ação humana é baseada no desejo de um sujeito; o desejo é que move, ele é que leva à ação, esse desejo consciente é que constitui o ser como *Eu*. Segundo Kojève (1947, p. 11): “*C’est dans et par, ou mieux encore, en tant que ‘son’ Désir que l’homme se constitue et se révèle – à soi-même et aux autres – comme un Moi, comme le Moi essentiellement différent du, et radicalement opposé au, non-Moi*

”⁶⁵

64 Ao empregar a expressão *desejo carnal* estou referindo-me ao desejo do ser que ainda não alcançou a liberdade da autoconsciência, ou seja, ainda não se descobriu capaz de se posicionar acima do ser da vida em prol de um ideal. Com *desejo de consciência* queremos designar o desejo propriamente humano, o desejo por um *ideal* – e não apenas o desejo por uma coisa qualquer.

65 Tradução: “É em e por, ou, melhor ainda, como seu Desejo que o homem se constitui e se revela



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Assim, o desejo é o que move e transforma a atitude do sujeito (do Eu) em relação ao outro, isto é, ao ser diferente, ao não-Eu. O desejo se volta sempre para um ser diferente dele mesmo, para o não-Eu. Este “outro” do “Eu” pode ser de dois tipos: a) um outro-objeto – que pode ser suprasumido e nadificado pelo Eu; ou então, b) um outro Eu igual a ele, isto é, do ser que é em seu próprio ser Desejo. Portanto, há uma relação entre o sujeito e o objeto (o sujeito sou Eu e o objeto é o outro do Eu).

Quando o outro é apenas outro-objeto, não existe propriamente “luta” porque somente um tem poder sobre o outro, a saber, o sujeito tem domínio sobre o objeto, sendo que não existe exatamente uma ação de dominação ou de sujeição – pois a “resistência” (o coeficiente de adversidade) que o objeto oferece sempre pode ser vencida pelo sujeito. Quer dizer: se um exerce o poder de domínio e o outro cede à essa dominação de forma passiva, não existe luta, mas sim a assimilação e incorporação do objeto ao sujeito, constituindo o sujeito-objeto. Isto ocorre quando o Eu volta seu desejo e ação para as coisas que, sendo passivas, não oferecem demasiada resistência ao desejo do Eu.

Mas o Desejo também pode se dirigir para um objeto que é ele mesmo Desejo. Sendo este outro objeto também um “Eu” constituído de Desejo, portanto um objeto que é ao mesmo tempo um sujeito, então o Eu tentará a nadificação de um ser, que é ele mesmo “poder nadificador”. Sendo assim cada uma das partes se nega à dominação do outro e, por conseguinte, há uma disputa pelo poder que pode levar à morte de uma das partes, quer seja o sujeito opressor ou o sujeito oprimido.

Para entender melhor essa relação no ato do conhecimento entre o

– para si mesmo e para os outros – como um Eu, como o Eu que é essencialmente diferente de, e radicalmente oposto ao não-Eu.”

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sujeito e o objeto a ser contemplado de que fala Hegel é preciso esclarecer que o homem é constituído por vários desejos e que existem dois desejos principais, o desejo carnal (um desejo mais superficial) e o desejo da consciência, sendo este último, o verdadeiro “eu”, ou desejo racional. O desejo carnal seria o desejo irracional, porém este desejo carnal sendo ele natural e fazendo parte da realidade biológica é condição necessária para o homem, porém não suficiente para a constituição do Eu humano, porque é apenas um sentimento de si e não consciência de si.

Existem o desejo físico e o desejo da consciência de si, então devo analisar: qual é o mais forte em mim? A minha ação está sendo movida para satisfazer o meu desejo biológico ou para saciar o desejo da consciência, quer dizer, o desejo propriamente humano? Pois o desejo racional é o verdadeiro ser da consciência de si. Esta consciência faz com que o homem não seja passivo, mas ativo devido a sua vontade. Ele “nega” o objeto do desejo, e essa negação têm como consequência a destruição ou a transformação do objeto desejado. Segundo Hegel, toda ação é “negação”, se esta ação for da verdadeira consciência de si. Porém essa ação de negação não é somente destrutiva, mas pode ser também construtiva, na medida em que ela assimila ou que internaliza a realidade do outro, transformando a realidade alheia e preservando a sua própria realidade, através desta mesma transformação.

O eu de cada pessoa não é um ser estático, no que se refere à mudança de posição ou conversão de valores, pois o ser humano não tem um caráter inato, podendo este ser moldado, ser transformado, adquirindo uma nova posição sobre um determinado assunto, assumindo assim uma nova postura em relação ao outro sujeito. Essa mudança de posição (transformação do Escravo em Senhor) é uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

evolução intencional de ambas as partes, um progresso consciente e voluntário do sujeito dominado e não havendo luta de morte também é uma ação voluntária de mudança de posição por parte do Senhor. A negação da realidade apresentada é a revelação de si próprio, para si próprio e para os outros, da consciência de si.

A realidade humana se apresenta em duas faces; uma voltada para o desejo individual de cada sujeito e a outra é a realidade social, onde há um conjunto de desejos, desejos mútuos e individuais e desejos de uma determinada realidade social. A sociedade é composta de sujeitos dominados e de sujeitos dominadores, existindo uma constante relação de dominação e de sujeição. Assim, diz Hegel (1992, p. 127); *“o agir tem duplo sentido, não só enquanto é agir quer sobre si mesmo, quer sobre o Outro, mas também enquanto indivisamente é o agir tanto de um quanto de Outro.”* Portanto, ao agir, sempre podemos colocar as perguntas: quem sou “eu” (o sujeito da ação)? Sou eu que estou pensando e agindo ou é o “outro” em mim?

Desse modo, o sujeito deve analisar qual o papel que deve desempenhar, ou a posição em que está inserido nesta duplicidade social, nesta dialética social. O “Eu” como sujeito, movido por desejos, consciente de sua própria individualidade e de sua liberdade, adquire consciência de si mesmo, também como um Eu que é influenciado por sua “horda” social.⁶⁶

Entretanto, neste momento, nos apresenta a questão: qual a condição necessária para a transformação do ser humano, de tal modo que este venha a ter uma dignidade superior a do animal? A sociedade é constituída por seres humanos, portanto ela é humana, mas ao mesmo tempo desumana e irracional na medida em

⁶⁶ Utilizamos a palavra “horda” para designar um grupo de homens que, mesmo convivendo cotidianamente, ainda não se sobrepujaram do estado de barbárie e selvageria para o Estado Civil de Direito o qual, para Hegel, é o *locus* privilegiado da ordem.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que oprime e escraviza o indivíduo. Teríamos nós já condições de nos erguermos do estado natural de barbárie e de selvageria e nos constituirmos em seres verdadeiramente políticos (habitantes da *Polis*, supondo-se que a *Polis* é diferente do *Caos*)?

Segundo Kojève (1947, p. 13), “*Si la réalité humaine est une réalité sociale, la société n’est humaine qu’en tant qu’ensemble de Désirs se désirant mutuellement en tant que Désirs*”.⁶⁷ Quer dizer: a afirmação segundo a qual “Eu sou Eu” é apenas um momento evanescente de procura da verdade pelo Espírito. *Para nós ou em si*, “Eu” só sou “Eu” a partir do momento em que quero conhecer que não existo sozinho no mundo, e que, para ser aquilo que sou, dependo daquilo que não sou, ou seja, dependo de “Outros”. Veja-se:

De fato, porém, a consciência-de-si é a reflexão, a partir do ser do mundo sensível e percebido; é essencialmente o retorno a partir do ser-Outro. Como consciência-de-si é movimento; mas quando diferencia de si apenas a si mesma enquanto si mesma, então para ela a diferença é imediatamente suprassumida, como um ser-outro. A diferença não é; e a consciência-de-si é apenas a tautologia sem movimento do “Eu sou Eu”. Enquanto para ela a diferença não tem também a figura do ser, não é consciência-de-si. (HEGEL, 1992, p. 60)

Portanto somos primordialmente movidos pelo desejo antropogenético, isto é, pelo desejo voltado para outro Desejo, quer dizer, Desejo propriamente humano. Este desejo inato é próprio de todo sujeito; é o desejo que nos faz consciente de nossa liberdade, de nossa atuação na história como seres transformadores da realidade social que se apresenta.

Le Désir Humaine, ou mieux encore: anthropogène, constituant un individu libre et historique conscient de son individualité, de sa

67 Tradução: “Se a realidade humana é uma realidade social, a sociedade é humana apenas como um conjunto de Desejos desejando-se mutuamente uns aos outros como Desejos.”



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

liberté, de son histoire, et, finalement, de son historicité – le Désir anthropogène diffère donc du Désir animal (constituant un être naturel, seulement vivant et n'ayant qu'un sentiment de sa vie) par le fait qu'il porte non pas sur un objet réel, « positif », donné, mais sur un autre Désir. (KOJÈVE, 1947, p. 13)⁶⁸

Assim, através do Desejo antropogenético, a consciência-de-si é conduzida a um embate dialético e adquire movimento, superando a tautologia sem vida do “Eu sou Eu” – que num primeiro momento se lhe apresentara como certeza, ao direcionar seu desejo para os simples objetos. Eleva, dessa forma, sua certeza há um patamar mais próximo da verdade.

Dialética, Ideologia e (Des)encontro

O sujeito é constituído de vários desejos: alguns são direcionados para coisas e outros voltados para outros Desejos. Portanto, o ser humano possui atitudes racionais e irracionais, tendo atitudes de um ser natural que é composto por necessidades físicas e biológicas, um sujeito que precisa suprir os desejos físicos de satisfação sexual, de atender as necessidades biológicas como matar a fome e sentir-se bem fisicamente, desejos estes que podem ser supridos de forma mais imediata.

Entretanto, existem ainda desejos cuja satisfação, por exigir a mediação de um ser Outro, é mais difícil e complexa de ser alcançada. O ser humano possui certos desejos relacionados à ação do outro sujeito em relação a si próprio, por

68. Tradução: “O Desejo humano, ou melhor ainda, o Desejo antropogenético, produz um indivíduo livre e histórico, consciente de sua individualidade, sua liberdade, sua história, e finalmente, sua historicidade. Portanto, o Desejo antropogenético é diferente do Desejo animal (que produz um ser natural, meramente vivente e tendo apenas um sentimento de sua vida) por ser direcionado não para um objeto real, “positivo”, dado, mas para um outro Desejo.”



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

exemplo: desejo não só de amar, mas também de ser amado e de ser correspondido no seu sentimento, desejo de ser valorizado e de ser “reconhecido”.

Neste sentido o indivíduo se humaniza e se diferencia do desejo animal. Na medida em que o sujeito nutre o sentimento de amor por outra pessoa, com intuito de satisfazer a si mesmo, ele tem uma ação “negadora”, transformadora ou assimiladora do desejo do outro, ou do seu próprio desejo, com intuito de ser reconhecido pelo ser amado, ou com o objetivo da negação de “si” próprio em benefício do ser amado. Ambos na busca da superação do domínio, um assimilando e entendendo o desejo do outro, acontecendo a fusão de dois desejos em um único desejo. Neste sentido, diz Hegel que ocorre: “*a unidade das mesmas [das diversas consciências-de-si para si essentes]: Eu, que é Nós, Nós que é Eu*”. (HEGEL, 1992, p. 125)

Nesta unidade das consciências-de-si, há uma conversão de valores, ou seja, uma aceitação do valor alheio, sem que haja luta de morte, uma assimilação de ambas as partes onde existe respeito e liberdade, sem opressão ou disputa de poder para o seu próprio reconhecimento, a fusão das ideias, a própria liberdade de ambas as partes sem qualquer tipo de opressão.

Na luta pelo reconhecimento, alguém teria que ceder, para que possa haver reconciliação... Se isso acontecesse de fato, em todas as relações, não haveria conflitos e viveríamos em Paz... A busca pela liberdade e igualdade de direitos já gerou muitos conflitos. A consciência-de-si, portanto requer um enfrentamento a essa multiplicidade da sociedade, negando qualquer tipo de opressão, lutando sim, mas não pela morte do Outro; em vez disso, lutando pelos mesmos direitos que o outro tem e respeitando-o em sua diversidade, pois é impossível termos uma sociedade uniforme, mas é possível dialogar com o diferente e chegar a um



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

consenso.

Quando existe desencontro na relação de dois sujeitos é porque prevalece a vontade de domínio de uma das partes. Não há aceitação, não há assimilação ou substituição do seu desejo pelo desejo do outro. O mesmo acontece na relação entre “Senhor e Escravo”, uma luta de morte, enquanto não houver uma superação dialética de ambas as posições antitéticas. Essa luta de morte é a oposição entre “tese” e “antítese” e só tem significação no contexto de sua reconciliação pela “síntese”.

Mais si l'opposition de la «thèse» et de l'«antithèse» n'a un sens qu'à l'intérieur de la conciliation par la «synthèse», si l'histoire au sens fort du mot nécessairement un terme final, si l'homme qui devient doit culminer en l'homme devenu, si le Désir doit aboutir à la satisfaction, si la science de l'homme doit avoir la valeur d'une vérité définitivement et universellement valable, - l'interaction du Maître et de l'Esclave doit finalement aboutir à leur «suppression dialectique».
(KOJÈVE, 1947, p. 16) ⁶⁹

O desejo humano de “reconhecimento” deve superar o desejo animal. Pode até existir o desejo animal da “luta”, com intuito de liberdade e de ser reconhecido, porém a luta de morte irracionaliza o homem, faz dele o próprio escravo. É neste sentido que deve ser entendida a célebre frase de Rui Barbosa, segundo a qual, a escravidão do negro mutila da liberdade do branco.

É natural no homem estar sempre aberto a novos conhecimentos, cabe a ele aceitar e assimilar um novo ponto de vista, mesmo que isso determine substituir ou acrescentar novos valores os quais ainda não faziam parte de sua realidade. A síntese muitas vezes não acontece, por falta de aceitação, por negação

69 Tradução: “Mas, se a oposição da “tese” e da “antítese” só possui sentido na conciliação pela “síntese”, se a história no sentido forte da palavra possui necessariamente um termo final, se o homem que está em via de tornar-se deve culminar no homem que já se tornou, se o desejo deve levar à satisfação, se a ciência do homem deve ter valor de verdade definitiva e universalmente válida, então a interação do senhor e do escravo deve necessariamente levar à superação dialética deles.”



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de substituição ou assimilação do valor alheio. Vários fatores podem determinar essa negação em relação ao valor do outro: egoísmo, ganância, discriminação, entre outros.

A sociedade atual vive em constante luta de morte, em constante competição, justamente por causa destes fatores, e geralmente não é porque não conhece a realidade do outro, mas pura e simplesmente por desejo de domínio. Um desejo que massacra que escraviza e oprime o próximo, uma opressão que se caracteriza de forma diferente em relação ao escravismo passado; pois o escravo de hoje é todo aquele que se deixa dominar pela alienação dos meios de comunicação, pelo capitalismo desenfreado, pelo egoísmo e pelo individualismo, multiplicando assim as várias formas de escravidão.

A negação a qual Hegel se refere é o ato do sujeito dizer “não” a toda essa forma de dominação que aliena as pessoas, e que tem sempre alguém ou algum grupo social oprimindo, mesmo que seja de forma camuflada, com intuito de ter benefícios particulares. Hoje em dia existe esta falta de negatividade perante a situação social, e em vez de se lutar contra ela o sujeito se acomoda perante a horda dominante que procura esconder a realidade da dominação.

Embora ao expor a dialética do Senhor e do Escravo, Hegel demonstre que toda relação de dominação deve ser superada pelo “reconhecimento mútuo das consciências-de-si”, alguns estudiosos o criticam por erigir um sistema de pensamento que não leva à superação do *status quo* (ordem social vigente), mas sim à sua sedimentação e perpetuidade, consolidando o poder hegemônico da tradição.

De acordo com essas críticas, a filosofia da historicidade apenas repete as experiências já vivenciadas como se fossem uma tradição. A relação antitética



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

entre Senhor e Escravo, entretanto, deveria possibilitar um movimento dialógico no sentido de se gerar uma nova mentalidade. Critica-se a filosofia da historicidade por representar uma repetição do *mesmo* num suposto pseudo-processo do tempo para todas as sociedades. Desse modo, o sujeito ficaria alienado de seu poder transformador e desacreditado no processo de mudanças estruturais, frente a um poder hegemônico que “parece” ser uma tradição. De acordo com o livro de Alexandre de Moura Barbosa:

A pura aceitação da “historicidade”, através da alienação do sujeito de suas ações históricas em sua singularidade, em prol da contemplação do sentido dum tal “ser”, é a destruição do “poder do negativo” frente à hegemonia da tradição. Desse modo, o sujeito, que pode ser definido por excelência como a fonte do “trabalho do negativo”, perde seu sentido. De forma que, nessa “filosofia”, a “experiência” torna-se um artifício da “tradição” em sua reprodução, em que as diferenciações das experiências enquanto relações sociais históricas são alienadas na reposição de tal conceito de “tradição”. (BARBOSA, 2010, p. 125)

Embora haja uma linha interpretativa concordante com o texto aqui citado, nós entendemos que o pensamento hegeliano aponta para a possibilidade revolucionária e para ruptura das formas estagnadas de opressão social que vêm se constituindo através do tempo. A história não é estática, mas sim constante movimento e também o indivíduo não recebe estas influências do meio social de modo totalmente passivo. Neste sentido, ressaltamos a importância de se considerar ainda hoje o pensamento Hegeliano como um antídoto contra a apatia na qual os *Mass Media* submerge a todos nós.

Considerações Finais

A sociedade deve buscar caminhos que indiquem a solução destes

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

problemas, seja ele de qualquer espécie, discriminatório ou qualquer outra forma de dominação que oprime o sujeito que convive no nosso meio. Mudar a nossa visão egoísta, não desejar apenas o reconhecimento de “si”, mas o do outro também... Muitas vezes devemos abrir mão de nossos desejos para satisfazer o desejo do outro, desejar o reconhecimento do outro.

Existe momento para ambas as posições em nosso “eu”, ora devo agir como um Escravo e ora como um Senhor. Às vezes posso agir com a simplicidade e humildade de um Escravo e me tornar um Senhor ou agir com a empáfia e arrogância de um Senhor e me tornar Escravo.

Para Hegel, nesta luta de morte não há vencedor ou perdedor. Pois a consciência de “si”, rumo à razão, é a assimilação de ambas as consciências, ou seja, a aceitação por cada um do outro, como sendo um complemento do “eu”. O escravo e o senhor, em suas diferenças são iguais, pois ambos desejam as mesmas coisas, o respeito e o “reconhecimento”, a valorização, a liberdade e o desejo de ser Feliz que é inato em todo o ser humano.

O desejo por reconhecimento de cada indivíduo não pode oprimir o sujeito próximo a ele. Infelizmente o desejo de prestígio nos dias atuais está cada vez mais forte. Se o desejo for egoísta, direcionado a si próprio, vai se confrontar com o desejo do outro, gerando atritos e lutas que podem levar à morte, ocasionando a satisfação do próprio desejo. Seja qual for a posição social de cada um, seja empregado ou patrão (ninguém é supremo ao outro) todos deve ter os mesmos direitos e gozar da mesma liberdade.



Referências

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito** . Petrópolis: Vozes, 1992.

KOJÈVE, Alexandre . **Introduction à la lecture de Hegel**. França: Gallimard, 1947.

KOJÈVE, Alexandre. **Introdução à leitura de Hegel** . Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

BARBOSA, Alexandre de Moura. **Ciência e Experiência: um ensaio sobre a Fenomenologia do Espírito**. Porto Alegre: Puc-Rs, 2010.

HOTTOIS, G. **Do renascimento à pós-modernidade: Uma história da Filosofia Moderna e Contemporânea** . Aparecida: Idéias e Letras, 2008.